

A GLOBALIZAÇÃO, O DESENVOLVIMENTO LOCAL E A CULTURA POPULAR NO DISTRITO DE ARACATIAÇU: A BRINCADEIRA DO REISADO

ALINE DE MACÊDO DA SILVA MOURÃO¹
SUELY MENDES PARENTE²
FRANCISCO ROBERIO LINHARES³

RESUMO: O objetivo deste artigo é verificar o impacto da globalização e do desenvolvimento local na cultura popular da região de Aracatiáçu-CE, com foco na atividade cultural do Reisado. Com a globalização é muito comum se perceber alterações no ambiente que podem modificar os valores locais, as concepções, idéias, referenciais simbólicos que organizam as relações intergrupais. Esta pesquisa é qualitativa, e foi realizada a partir de entrevistas semi-estruturadas com três integrantes de um grupo de reisado e a coordenadora do centro cultural de Aracatiáçu, com o objetivo de coletar dados referentes à intensidade destas atividades, que perfil de pessoas participam, quais os incentivos recebidos e um pouco da história que envolve o Reisado. A fundamentação teórica foi dividida em quatro capítulos que trabalham o conceito de globalização e quais seus impactos, o desenvolvimento local com aspecto que advém da globalização e como item fundamental para a mudança no local, e o último capítulo trata da definição de cultura e a importância da mesma para a continuidade de uma identidade de um povo. Ao final da pesquisa conclui-se que no distrito estudado as pessoas estão mais envolvidas com os elementos da globalização, como o trabalho assalariado, horários determinados, vida corrida e acelerada e tecnologia, mas a comunidade vem preservando alguns elementos da sua cultura como o Reisado, o Maracatu, o São Gonçalo e a Religiosidade da população.

Palavras-chave: *Desenvolvimento Local. Globalização. Cultura local.*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado para verificar qual o impacto da globalização e do desenvolvimento local na cultura popular da região de Aracatiáçu no estado do Ceará, que dentre suas manifestações culturais existentes foi escolhido como foco de estudo a atividade cultural denominada de Reisado, inspirado em preceitos religiosos e pautado em valores locais bastante antigos da população. A fim de se entender melhor as relações existentes entre as questões passadas com as influências modernas, foram levantadas opiniões referentes aos critérios desenvolvimento x globalização x cultura, no intuito de investigar quais fatores existem que favorecem a continuidade ou ameaçam de alguma forma esta expressividade popular local.

¹ Mestranda em Ciências da Educação pela *Universidade Lusófona de Educação*. Professora do Curso de Administração da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF).

² Mestranda em Ciências da Educação pela *Universidade Lusófona de Educação*. Professora do Curso de Administração da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF).

³ Mestrando em Ciências da Educação pela *Universidade Lusófona de Educação*. Professor do Curso de Administração da *Faculdade Luciano Feijão* (FLF).

No Reisado de Aracatiáçu, onde as pessoas conseguem preencher suas necessidades convívência, pertencimento e também se integrar com suas questões religiosas. Através desta brincadeira denominada Reisado as pessoas conhecem umas as outras, se ajudam e se apóiam, se divertem, aumentam sua auto-estima ao serem reconhecidos e aplaudidos em suas apresentações e conseqüentemente tornam suas vidas mais felizes por se sentirem úteis e contribuindo de alguma forma para o desenvolvimento e fortalecimento da cultura local.

Para se fazer tais levantamentos foram escolhidos quatro integrantes desta atividade cultural, bem como a coordenadora do Centro de Cultura de Aracatiáçu. Adotou-se uma metodologia de pesquisa de cunho qualitativo descritiva, a partir da realização de entrevistas individuais e diretivas, semi-estruturadas, compostas de questões com o objetivo de coletar dados referentes à intensidade destas atividades, que perfil de pessoas participam, quais os incentivos recebidos e um pouco da história que envolve o Reisado. A entrevista é trabalho, alerta Zaia Brandão (2000, p. 08), e como tal “reclama uma atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, obrigando-o a colocar-se intensamente à escuta do que é dito, a refletir sobre a forma e conteúdo da fala do entrevistado”.

Para uma melhor compreensão de como isso se forma, o trabalho foi dividido em quatro capítulos que trabalham o conceito de globalização e quais seus impactos, no segundo tema é abordado o desenvolvimento local com aspecto que advém da globalização, mas como item fundamental para a mudança na qual só a globalização não garante uma mudança local. Por fim, os dois últimos capítulos tratam da definição de cultura e a importância da mesma para a continuidade de uma identidade de um povo ou cidade, e também uma rápida explanação sobre a cidade Ladakh que inspirou todo o diagnóstico.

2. DESENVOLVIMENTO LOCAL

Desenvolvimento é um termo geralmente usado para se definir progresso, avanço, mudança, crescimento. Entretanto, para se alcançar o desenvolvimento de um país como um todo, faz-se necessário promover ações de desenvolvimento em âmbito local, ou seja, agir de modo específico em determinados setores, regiões, cidades, em ações que possam alavancar questões particulares. Nem todos os lugares evoluem com os mesmos estímulos e faz necessário investigar, avaliar de forma particular cada lugar e quais as potencialidades que

podem ser alavancadas, a fim de promover uma revalorização substancial de seus valores, cultura, economia, arte, lazer ou qualquer outra forma de representação de um povo ou região.

Desenvolvimento é a palavra para uma promessa – para uma garantia de que o reino da necessidade será vencido, graças aos novos poderes da ciência, da tecnologia e da política. (OLIVEIRA, 2001)

Fragoso (2005) fala que de uma maneira superficial é possível dizer que o desenvolvimento local se trata da possibilidade das populações poderem expressar uma idéia de futuro num território visto de forma aberta e flexível, onde esteja ausente a noção do espaço como fronteira, concretizando ações que possam ajudar à (re) construção desse futuro. Os seus objetivos mais óbvios seriam promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas, bem como aumentar os seus níveis de autoconfiança e organização. O desenvolvimento local incluiria um conjunto alargado de características. Dá-nos a impressão de que, postas as coisas desta forma, grande parte do trabalho de desenvolvimento local assenta em ajudar as populações a construir pontes muitas vezes ausentes, entre a tradição e a modernização. Mas a questão traz consigo uma angústia adicional: será que estamos conseguindo?

Existe uma crítica vinda de alguns autores em que mais progresso não significa melhores condições de vida para todos. Neste sentido, talvez uma melhor resposta para a pergunta de Fragoso é que de fato não estamos conseguindo. As condições de desenvolvimento local não são semelhantes a todos os lugares. Nem sempre o que provoca avanço em uma determinada região, provoca em outras. Muitas vezes até provoca um retrocesso em outro lugar para determinado aspecto. Ao longo dos anos percebemos como as pessoas se organizaram para terem bens que possam proporcioná-las condições de vida melhor, neste entendimento da supressão de uma necessidade, às vezes até uma necessidade que não existe, mas que é criada. Hoje usamos coisas que no passado não existia, o que torna nossa economia muito mais agressiva, produtiva, mas ao mesmo tempo o mesmo progresso outrora instalado também nos traz um regresso em termos de melhoria de vida, poluição do meio ambiente, insegurança, desemprego, e muitos outros fatores advindos da globalização que também é um fator condicionante do desenvolvimento local.

“O global se alimenta do local, se nutre do específico” (CHESNAIS, 1996), de modo que “a globalização opera num universo de diversidades, desigualdades, tensões e antagonismos, simultaneamente às articulações globais. Ela integra, subsume, e recria singularidades” (Ianni, 1996)¹¹. Com efeito, a contra face da globalização não parece ser a uniformização e

padronização mundial dos estilos de desenvolvimento, mas, ao contrário, a *valorização do local e da diversidade*, como diferencial de qualidade e competitividade. Economia criativa (REIS, 2008, P.????)

Dentre os ativos de um município, comunidade, região que podem ser usados com um fator predominantemente diferenciador certamente é a cultura local. O aprendizado de um povo,

Roque Amaro [1] aponta nove elementos para se poder falar de Desenvolvimento Local (DL). “Um processo de transformação, mudança que recusa a conservação. É centrado numa comunidade, isto é, o ponto de partida de referência é a própria comunidade local. O local enquanto resultado de uma construção de identidades — um conjunto de interesses que se identifica e assume onde são mobilizáveis ações de solidariedade concretas. O local é, para Roque Amaro, algo que se constrói com o projeto. Parte da existência de necessidades não satisfeitas a que se procura responder a partir das capacidades locais, mas também recorrendo a recursos exógenos, como forma de fertilização mútua, onde estes e aqueles aprendem mutuamente. Assume uma lógica integrada, onde a intervenção não se restringe a problemas focalizados (por exemplo, desemprego, saúde, idosos, etc.), mas sim ao conjunto de problemáticas que se interligam e influenciam. Tudo tem a ver com tudo. Foca-se no trabalho em parceria, a partir de definição de ações conjuntas, a cooperação, a negociação dos conflitos e das solidariedades locais. O impacto por toda a comunidade, isto é, exerce um efeito de exemplificação para toda a comunidade. E atua segundo uma diversidade de caminhos. O DL tem uma diversidade enorme de caminhos, protagonismos e respostas.” O último elemento é entender o DL como um cruzamento de uma reflexão teórica com testemunhos. Vidal [2] acentua o DL como um processo e não um fim em si mesmo.

GLOBALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento local pode ser conceituado como um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos. Para ser consistente e sustentável, o desenvolvimento local deve mobilizar e explorar as potencialidades locais e contribuir para elevar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local; ao mesmo tempo, deve assegurar a conservação dos recursos naturais locais, que são a base mesma das suas potencialidades e a condição para a qualidade de vida da população local. Este empreendimento endógeno demanda, normalmente, um movimento de organização e mobilização da sociedade local, explorando as suas capacidades e potencialidades próprias, de modo a criar raízes efetivas na matriz socioeconômica e cultural da localidade.

Desta forma, qualquer estratégia para promoção do desenvolvimento local deve se estruturar em, pelo menos, três grandes pilares: organização da sociedade, contribuindo para a formação de capital social local (entendido como capacidade de organização e cooperação da sociedade local) combinado com a formação de espaços institucionais de negociação e gestão,

agregação de valor na cadeia produtiva, com a articulação e aumento da competitividade das atividades econômicas com vantagens locais, e reestruturação e modernização do setor público local, como forma de descentralização das decisões e elevação de eficiência e eficácia da gestão pública local. Tudo isso associado com alguma forma de distribuição de ativos sociais, principalmente o ativo conhecimento expresso pela escolaridade e a capacitação tecnológica. As mudanças que decorrem destes três processos e a sinergia gerada no conjunto do tecido social viabilizam o desenvolvimento local de forma consistente e sólida.

Da perspectiva do desenvolvimento local a proposição do esquecimento é importante devido à velocidade das mudanças na realidade e no contexto externo dos municípios que obrigam, muitas vezes, a rever velhos conceitos e prioridades; as chamadas vocações econômicas é uma dessas memórias traiçoeiras e enganadoras do desenvolvimento local na medida em que as condições mudam e suas vantagens competitivas podem ser radicalmente alteradas, desmontando antigas vocações e criando novas oportunidades. O fato de um município ter vivido, nas últimas décadas ou séculos, produzindo e vendendo banana, mesmo com algum sucesso, não assegura que esta “vocação” seja válida para a futuro; portanto, é necessário saber também esquecer alguns hábitos e tradições ultrapassadas para poder aprender melhor e redefinir suas potencialidades e seus objetivos.

3. A GLOBALIZAÇÃO

O conceito globalização começou a ser empregado por volta da década de 1980, em substituição a conceitos como internacionalização e transnacionalização. A idéia era sustentada por setores da economia que diferenciam a participação dos países em desenvolvimento em uma economia administrada mundialmente, em especial os países latinos americanos e asiáticos, tidos como novos países industrializados, mas foi somente no final da década de 1980 e início da década de 1990 que a expressão globalização passou a ser empregada no sentido positivo, com a integração da economia mundial; e normativo a partir de uma estratégia de desenvolvimento baseado na rápida integração com a economia mundial.

A globalização é um fenômeno de internacionalização do mundo capitalista. Ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes, impondo ao mundo a cultura, a economia e política de alguns países.

A “globalização” se refere àqueles processos atuantes numa escala global que atravessam fronteiras nacionais integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo em realidade e em experiência, mais interconectado (HALL, 2006).

Santos (2001) dizem que no mundo da globalização, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições. E, também, uma nova importância, porque a eficácia das ações está estreitamente relacionada com a sua localização.

A partir de sua filosofia de conectar as comunidades globais, a globalização vem cada vez mais interligando os espaços geográficos, e alguns estudiosos relatam que este fenômeno vem provocando alguns conflitos entre os benefícios da globalização e alguns efeitos de desigualdades e negação ao local.

Conforme Santos (2001) O território tanto quanto o lugar são esquizofrênicos, porque de um lado acolhem os vetores da globalização, que neles se instalam para impor sua nova ordem, e, de outro lado, neles se produz uma contra-ordem, porque há uma produção acelerada de pobres, excluídos, marginalizados.

Mas a globalização também trouxe outros efeitos, esta conexão das comunidades globais vem provocando cada vez mais uma troca de conhecimento, de cultura e de aprendizados que antes não era possível em função das dificuldades de acesso e as fronteiras existentes entre os países.

O efeito da globalização tem impacto direta e indiretamente sobre os aspectos da vida econômica, cultural e das relações interpessoais.

Os impactos econômicos podem ser percebidos por os mercados estarem cada vez mais abertos para o consumo universal, e que os países conseguem que os seus produtos estejam acessíveis em qualquer parte do mundo, fortalecendo a economia, mas em contrapartida, percebem-se cada vez mais ao mesmo tempo em que os efeitos positivos podem ser percebidos em qualquer parte do mundo, os efeitos negativos também. Hoje, qualquer crise em determinado lugar do mundo terá efeitos globais, porque todos os países do mundo sentirão seus efeitos.

Um dos fatores que mais sofrem influência de uma busca constante da homogeneização é a cultura. Cada vez mais a cultura de massa vem se sobressaindo a cultura popular.

Segundo Santos (2001), Um exemplo é a cultura. Um esquema grosseiro, a partir de uma classificação arbitrária, mostraria, em toda parte, a presença e a influência de uma cultura de massas buscando homogeneizar e impor-se sobre a cultura popular; mas também, e paralelamente, as reações desta cultura popular.

Mesmo com a imposição cada vez mais forte de uma cultura dominante, através da massificação de elementos da cultura ocidental, a cultura popular ainda resiste ao tempo e as pressões de homogeneização. Em muitos locais, esta cultura popular aproveita alguns canais e elementos da cultura de massa para se difundir. Essa busca constante pela universalização da cultura vem ganhando força, mas em alguns elementos da cultura e algumas comunidades, ainda se consegue manter muitos elementos da cultura popular, ou até mesmo difundir com maior ênfase.

Conforme Santos (2001) a possibilidade, cada vez mais freqüente, de uma revanche da cultura popular sobre a cultura de massa, quando, por exemplo, ela se difunde mediante o uso dos instrumentos que na origem são próprios da cultura de massas. Tais expressões da cultura popular são tanto mais fortes e capazes de difusão quanto reveladoras daquilo que poderíamos chamar de regionalismos universalistas, forma de expressão que associa a espontaneidade própria à ingenuidade popular à busca de um discurso universal, que acaba por ser um alimento da política.

O impacto que a globalização também vem trazendo nas relações entre as pessoas é tremendo, hoje as relações estão cada vez mais virtuais e distantes, ela vem causando um distanciamento dos seres humanos, substituindo o contato pessoal pelo contato virtual, através dos computadores, e a violência vem estimulando cada vez mais este tipo de relação. As pessoas hoje têm medo de sair de casa, e perderam o hábito de ir conversar na calçada, nas praças e nos locais públicos, e vem substituindo as relações que se dão através do contato pessoal e físico, por relações virtuais, através das redes sociais, virtuais, sem sair de casa.

As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades "tradicionais" e as "modernas". Anthony Giddens argumenta que:

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (Giddens, 1990, apud Hall, 2006)

Desde os anos 70, tanto o alcance quanto o ritmo da integração global aumentaram enormemente, acelerando os fluxos e os laços entre as nações. e as conseqüências desses aspectos da globalização sobre as identidades culturais são basicamente três:

- As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do "pós-moderno global".
- As identidades nacionais e outras identidades "locais" ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.

- As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades — híbridas — estão tomando seu lugar.

4. CULTURA

Cultura é uma palavra que tem diversos sentidos, e dois dele pode-se destacar: um popular, para traduzir o tributo de toda pessoa possuidora de conhecimento, com formação intelectual desenvolvida; outro, antropológico ou sociológico, em que a cultura é referida como o comportamento social do grupo. É neste sentido que se emprega a palavra.

Para entender o que é cultura não é necessário diferenciar do que é cultural e o que é biológico. De acordo com Fernando de Azevedo (1971) em seu livro *A Cultura Brasileira*, a cultura, nas suas múltiplas manifestações, sendo a expressão intelectual de um povo, não só reflete as idéias dominantes em cada uma das fases de evolução histórica, e na civilização de cuja vida ele participa, como mergulha no domínio obscuro e fecundo em que se elabora a consciência nacional.

Para Montagu (1994), a cultura define o modo de vida de um grupo humano, que ocupando um território comum, cria determinadas idéias, instituições, linguagem, e a resposta dos homens às suas necessidades básicas. A cultura é sempre complexa, pois a criação do homem é recebida como herança dentro do grupo em que cada pessoa nasce e adquirida ao contato com outros grupos.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso — um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (veja Penguin Dictionary of Sociology: verbete "discourse"). As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma "comunidade imaginada".

A cultura brasileira é rica na sua diversidade devido à extensão territorial do país e as influências recebidas de outros povos durante a sua história, e dentro dessa tem-se o folclore que é tão rico e também diversificado: crendices, cantigas, músicas, artesanatos e danças.

Várias manifestações populares incorporam a esse conjunto, dentre elas o reisado, que é um elemento presente na cultura e no folclore brasileiro, e nos dias de hoje é mais praticado no Nordeste do Brasil.

Segundo Luís da Câmara Cascudo, no Dicionário do Folclore Brasileiro, o reisado é:

Uma denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e dia de Reis. Em Portugal diz-se reisada e reiseiros, que tanto pode ser o cortejo de pedintes, cantando versos religiosos ou humorísticos, quanto os auto sacros, com motivos sagrados da história de Cristo (...) O auto popular profano-religioso, pertencente ao ciclo natalino, é formado por grupos de músicos, cantadores e dançadores que vão de porta em porta anunciar a chegada do Messias e homenagear os três Reis Magos (...) O Reisado pode ser apenas a cantoria como também possuir enredo ou série de pequenos atos encadeados ou não. (Cascudo, 2001)

Observa-se na fala de Cascudo que o reisado é uma dança dramática originária de Portugal, por ocasião da véspera e do dia dos festejos dos reis magos. No Brasil foi introduzido no final do século XIX, permanecendo vivo, como tradição até os dias de hoje. Constitui-se de breves representações, algumas vezes encadeadas, e de uma parte dançante, de coreografia pouco variada. Seu acompanhamento musical compõe-se de sanfonas, zabumba e triângulo. Existe uma temática que se pode comporta por motivos variados, desde luta, apresentação dos participantes pelo capitão, a dança com o boi, cantiga e termina a brincadeira com a matança do boi, que é repartido para todos.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1. Aracatiaçu

Aracatiaçu, Distrito do Município de Sobral, com 3.615 habitantes, localizado as margens do rio com o mesmo nome, a 15 quilômetros da BR 222 e a 60 quilômetros da sede do município.

O primeiro nome da localidade era Fazenda Cajueiro, depois Santo Antônio do Aracatiaçu e simplificado para o nome atual, conforme decreto lei 1.114, de 30 de dezembro de 1943.

As atividades econômicas atuais do Distrito são: pequenas fábricas de lingerie, artesanato de palha de carnaúba, agricultura de subsistência, produção de leite, lojas de roupas, comércio em geral, pecuária criação gado, suínos, ovinos e caprinos e a exploração da

cera de carnaúba, produção de chapéus, pesca artesanal, padaria, pocilgas, granja e agricultura familiar.

As suas principais atrações turísticas são: Açude Santo Antônio; Estátua do Vaqueiro; Santuário Nossa Senhora de Fátima; Igreja matriz de Santo Antônio; Olho D'Água do Pajé.

As festas religiosas em homenagem ao Padroeiro Santo Antônio, em junho, e Nossa Senhora de Fátima, em novembro, atraem um número significantes de filhos da terra que moram fora e vem participar dos festejos e rever os familiares.

Durante o ano tem também vários eventos como: festas dançantes, principalmente no período junino, vaquejadas, corrida de cavalos, chamado prado, carnaval, campeonato de futebol de salão e poeira, festa de São Gonçalo e reisado no início do ano.

5.2. *O reisado no município de aracatiaçu*

A brincadeira do reisado como em todo Nordeste do Brasil também é realizada há vários anos no distrito de Aracatiaçu, município de Sobral, por grupos da sede do distrito e de localidades circunvizinhas, composto por moradores de faixa etária de idade, que vai de jovens de 15 anos a senhores de 76 anos de idade. Sendo trabalhadores rurais, pescadores, estudantes e até aposentados, que pretendem manter a tradição repassando para os mais jovens.

As apresentações são realizadas no próprio distrito, na Sede do município, Cidade de Sobral, durante o encontro dos grupos de bois, em outros eventos em cidades do Estado Ceará, com apoio do Centro Cultural através da Secretaria de Cultura do próprio município.

Os brincantes do grupo do boi de Aracatiaçu desejam manter a tradição repassando para as gerações futuras, tanto que os membros que fazem parte do grupo do boi são pessoas adultas e jovens que se dedicam a brincadeira, mantendo viva a tradição de seus antepassados e não se sabe por certo quando começou, mas de acordo com a coordenadora do centro cultural, e com a fala do seu Antonio paz que brinca o reisado deste 1958, acreditam que esta brincadeira se introduziu na cultura do município em 1910 aproximadamente.

De acordo com COSTA (2008), A primeira diferença no reisado deste lugar é que toda a brincadeira é cantada em forma de repentes. E quanto ao visual também há uma grande diferença. Todos os brincantes estão mascarados. E também existem vários outros personagens, como o magarefe, que é quem mata o boi, reis magos, etc. E outros animais,

como o bode. Até mesmo o boi tem um tamanho diferente. Além dessas diferenças, a brincadeira em Aracatiaçu dura muito mais tempo e a população se reúne em uma quadra para prestigiar as apresentações dos grupos de bois e reisados.

O ponto de cultura Vento Forte, sediado no distrito de Aracatiaçu, tem esse nome não apenas como homenagem ao distrito, mas também pela própria essência de ter sido criada para resgatar e fortalecer as atividades culturais locais. Funcionando desde 2006, a Vento Forte foi responsável pela revitalização do Reisado na região. “O reisado estava restrito aos mais velhos, nós conseguimos revitalizar, assim como fortalecer a dança de São Gonçalo e o Maracatu”, explica Emídio, Ex Coordenador do Centro Cultural. Hoje estão ativos cinco Bois de Reisado: Boi Coração, Coraçãozinho, Lagoa, Coração da Lagoa do Mato e Esperança.

Para elaboração do trabalho, e da percepção do impacto da globalização na cultura popular do distrito de Aracatiaçu, estudando como elemento a brincadeira do reisado, foi realizada uma entrevista com os principais componentes do grupo, e com a coordenadora do grupo a fim de obter a percepção dos mesmos em relação a este impacto, e de conhecer um pouco mais sobre este elemento da cultura presente no Município. Segue abaixo a catalogação da pesquisa:

A Partir das informações coletadas com três integrantes do grupo, dentre eles o líder do grupo de reisado Coração, e com a coordenadora do Centro de Cultura Vento Forte, sediado, a sede do distrito de Aracatiaçu, constata-se o reisado como um elemento da cultura do distrito, que vem sendo preservado desde a sua criação praticamente. De acordo com o Sr. Antonio Ávila de Mesquita, Mestre do grupo de reisado coração e com a Francisca Ana dos Santos Sousa, não se sabe ao certo em que ano a brincadeira surgiu no distrito, mas estima-se que tenha sido por volta de 1910. O Sr Antonio Ávila relata que aprendeu a brincadeira com o seu pai. Conforme relato do Sr. Antonio Ávila, o reisado teve seus momentos de alta e baixa, e o formato atual que o reisado vem sendo praticado no distrito começou a partir da criação do centro cultural, em 2001, e os grupos de reisado passaram a ser apoiados, incentivados e acompanhados pelo Centro Cultural, foi a partir de 2005.

De acordo com a fala do Sr. Antonio Ávila de mesquita, percebe-se desde a época do surgimento, a brincadeira do reisado, que era uma tradição que se passava de filho para filho, e que era uma forma de entretenimento da época, para que as pessoas pudessem comemorar as festas de final de ano.

Nas entrevistas buscou-se traçar primeiro um perfil dos participantes do grupo de reisado esperança, e percebe-se que o mesmo é composto basicamente de pessoas com mais de 40 anos, estando à maioria com idade próxima aos 60 anos, o que leva a um questionamento se a maioria das pessoas que se envolvem com este movimento é de pessoas adultas e idosas, e a partir de um questionamento feito aos componentes do grupo se eles percebem que a juventude valoriza o movimento, constata-se que dos três componentes do grupo, os dois componentes mais recentes na brincadeira do reisado percebem que sim, contrapondo-se a visão do líder do grupo. Outro ponto a destacar dos componentes do grupo, é que todos os entrevistados são analfabetos e a maioria deles vive da agricultura, sendo que todos trabalham de forma autônoma

Ressalta-se ainda, de acordo com a entrevista da coordenadora do centro cultural, que o reisado vem sendo revitalizado deste então, e que neste ano, eles vão começar a trabalhar no envolvimento dos jovens com este elemento da cultura, a fim de dá continuidade aos elementos da cultura, que fazem parte da raiz do distrito, desde o seu surgimento.

Outro ponto importante a ser observado, é que um dos motivos para que o reisado permaneça tão forte neste distrito por tantos anos, é o fato de termos uma população extremamente ligada à religião, e como a brincadeira é de origem religiosa, em comemoração ao dia de reis.

Alguns entrevistados relatam que percebe que hoje as pessoas dão até mais importância ao movimento, e que o centro cultural, tem sido fundamental para a manutenção, e revitalização de elementos culturais da região como é o caso do reisado, maracatu e são Gonçalo, porém, conforme relata o líder do grupo, percebe-se que esta nova visão dada aos grupos de reisado, vem mudando a aplicação da tradição. Como ele mesmo relata o reisado antigamente começava logo após o natal e terminava no dia 06 de janeiro com a matança do boi, mas hoje, a brincadeira começa após o natal, e passa-se o mês de janeiro inteiro realizando apresentações.

Outro ponto percebido nas entrevistas é que os componentes do grupo se sentem valorizados pela comunidade e pelas ações do ponto de cultura do distrito, citando até alguns convites que os mesmos receberam para apresentarem-se fora do município.

6. CONCLUSÃO

Analisando as características locais da comunidade de Aracatiaçu percebe-se que o distrito vem sofrendo influências da globalização, pois antes a maior parte da população vivia da agricultura de subsistência, e hoje se percebe que boa parte da população vive do comércio e de empregos nas indústrias de lingerie que estão instaladas no município. Boa parte dessas indústrias de lingerie é local tendo hoje um total de 16 fabricas operando no distrito.

Aracatiaçu tem sofrido influências modernas. Houve alteração na vida das pessoas com o advento da tecnologia, a vida tornou-se fisicamente mais fácil, os valores ancestrais foram reformulados e a nova economia encoraja as pessoas a buscar outras fontes de prazer, lazer, entretenimento, mas é possível ver que o impacto causado pela globalização teve conseqüências diferentes, conforme foram relatados nos depoimentos.

Em relação ao elemento cultural do reisado, a pesquisa mostra que as pessoas que estão envolvidas neste movimento são pessoas com mais velhas, apesar da coordenação do centro cultural relatar iniciativas de criação de novos grupos de reisados, inclusive os mirins, de acordo com a percepção dos membros do grupo entrevistado, as pessoas hoje não tem mais muito tempo para se envolver com os movimentos culturais. Outro fato constatado é que todos os membros do grupo trabalham de forma autônoma, o que facilita a participação intensiva no movimento.

Percebeu-se que as pessoas estão cada vez mais envolvidas como os elementos da globalização, como o trabalho assalariado, com horários determinados, a vida corrida e acelerada e a tecnologia trazidos com a globalização, mas que a comunidade estudada vem preservando alguns elementos da sua cultura como o Reisado, o Maracatu, o São Gonçalo e a Religiosidade da população, que apesar dos elementos da globalização estarem presentes no município a comunidade preserva e valoriza estes elementos culturais, mesmo havendo uma modificação nestes elementos, para se adaptarem a realidade global, e para que eles se mantivessem vivos no decorrer dos anos.

7. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando. *A cultura Brasileira*. Editora Melhoramentos, São Paulo, 1971.

BRANDÃO, Z. “Entre questionários e entrevistas”. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs.). *Família & escola*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 171-83.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *O Dicionário do Folclore Brasileiro*, Global editora, São Paulo, 2001.

COSTA, Hudson. *Bois e Reisados de Aracatiagu (distrito de Sobral)*. Disponível em <http://www.overmundo.com.br/overblog/bois-e-reisados-de-aracatiagu-distrito-de-sobral> Acesso em 01/08/11.

FRAGOSO, António. “Contributos para o debate teórico sobre o desenvolvimento local: Um ensaio baseado em experiências investigativas”. In: *Rev. Lusófona de Educação*, 2005, nº 5, p. 63-83.

Globalização e Desenvolvimento. Disponível em http://www.consumoresponsavel.com/wp-content/rncr_fichas/RNCR_Ficha_A2_1.pdf. Acesso em 23/08/11.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A Editora, 11ª edição, Rio de Janeiro, 2006.

KASHIMOTO, Emília Mariko, MARINHO, Marcelo e RUSSEFF Ivan. “Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento”. Universidade Católica Dom Bosco. *Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. Vol. 3, N. 4, Mar. 2002.

OLIVEIRA, Francisco de. *Aproximações ao enigma: o que quer dizer desenvolvimento local?* São Paulo, Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV, 2001.

REIS, Ana Carla Fonseca. *Economia criativa : como estratégia de desenvolvimento : uma visão dos países em desenvolvimento / organização*. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

Resgate da cultura local, 28/03/2009 Disponível em <http://www.aldeia.org.br/?p=476>. Acesso em 01/08/11.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.